

Joaquina

TEXTO DE NELSON SAOTE



Joaquina Siquice: o nome da bailarina pertence já à nossa geografia emocional. No património afectivo da terra moçambicana ela ocupa um lugar de privilégio. É uma conquista que o talento e a tenacidade a permitiram. Joaquina viaja na nossa retina diária no sobressalto desta urgência que todos nós vivemos.

Procurei-a há tempos. O seu endereço conduziu-me a uma casa na avenida que leva o nome de um poeta angolano «deitado na presidência do amor», como lembraria um escriba moçambicano, na elegia a Agostinho Neto. Uma criança veio ao portão da casa do número indicado. Instantes depois Joaquina veio-me buscar à entrada. Sob a vigilância de um cão e amparado pela inelutável beleza do sorriso da artista caminhámos a passos lentos até ao fundo do edifício. A dependência da casa virada para a avenida é onde vive esta mulher que arruma o «crochet». Atento ao meu redor vejo: jornais, revistas, fotos, cartazes, sofás adornados, um fogão aceso, no compartimento que serve de sala e cozinha. O espaço precário é tratado com beleza. Observo, atento, os movimentos desta mulher que sorri. Lá fora há crianças que se entretêm com as estrelas sob a tolerância de um cão em silêncio na penumbra.

Entrevistava-a pela primeira vez. A generosidade de Joaquina Siquice superou qualquer condição de beleza. Ela é, acima de tudo, uma mulher extremamente bela e rigorosamente modesta. O saccos adjectivos do jornalista é eleito à incompetência perante a sedução que ela exerce, deixando uma imagem que não se narra presa à minha retina.

Surpreendo-me esta manhã a tentar ratear as palavras na lembrança de um diálogo inesquecível que registei a pulso. Um diálogo sem sobressaltos. Cheio de silêncios. Em Joaquina, as palavras funcionam como apêndice da extraordinária expressão do seu olhar indiscutivelmente belo e dos gestos surpreendentemente expressivos. É, pois, esta mulher que me surpreende a escalar frases no exercício azafamado desta prosa jornalística. Desço já em sua companhia à infância. A menina que adormece na retina de Joaquina

conheceu o fascínio da dança muito cedo, lera isso algures: Engatilho a primeira pergunta:

— A infância terá sido importante para o seu futuro de bailarina?

— Bom, não sei se serei capaz de responder. É um bocadinho difícil.

Entre uma modéstia irresistível descobre-se-lhe a ternura no emprego das palavras e no diálogo. Gosto de observá-la: ela não transporta nos ombros os fantasmas da megalomania. E isto é uma lição.

— Sim, é capaz.

— Sempre gostei de dançar, porém, nunca pensei que mais tarde seria a minha profissão. Mas calhou ...

— Tem a certeza que calhou?

— No início dançava na escola. Sempre dancei na escola, no tempo colonial.

E a conversa deriva brevemente ao tempo que pertence ao edifício da nossa memória colectiva. Joaquina diz-me que não se lembra daquilo que dançou nesse tempo. Voltamos rapidamente aos anos que aconteceram na euforia das bandeiras da liberdade. Porque havia crise de quadros, em Inhambane, ela teve que ser professora de dança. Em 1978, com uma bolsa de estudos, veio a Maputo, para frequentar a Escola de Dança. Aprendeu durante dois anos: técnica moderna, coreografia, cenografia e danças tradicionais moçambicanas. Quando o curso chegou ao fim Joaquina foi integrada na Companhia Nacional de Canto e Dança onde permanece até hoje, agora, como primeira bailarina.

Joaquina:

— Casei-me e fui para a Beira, tempos depois. Não fiquei muito tempo. Voltei nos princípios de 1982.

Foi na Beira que ela comandou uma experiência curiosa: um grupo de dança que formou e, que, inclusivamente desenvolveu um trabalho de pesquisa sobre as maneiras de se vestir de certas danças, como o Semba e o Xigubo.

— Quando saí os meus colegas desistiram.

Pausa.

— Hoje eu choro pelo meu grupo. Eu amava aquele grupo.

Joaquina Siquice diz-me que o reportório das danças originárias de Moçambique é vasto, aponta:

Nonge, Makwayela, Wadjaba, Spe, Sope, Tufo, entre outras.

Pergunto:

— O bailado «As mãos» foi a vossa primeira grande aventura?

— Sim. Penso que as pessoas gostaram. Pela primeira vez fizemos um trabalho daqueles.

E o público? Joaquina Siquice afirmou numa entrevista que li algures que o nosso público era muito frio. Como é que é a sua relação com os que se sentam na plateia?

— Bom ...

Sorri. Um olhar intenso, brilhante, fixa-me.

— É um bocadinho difícil de explicar. No Brasil, por exemplo, quando dançávamos, o público reagia, dançava connosco. O que não acontece em Moçambique.

— Não é frustrante para si um público assim?

— O que é que a gente pode fazer? Você vê. Muitos gostam mas não reagem de uma forma ...

A frase, reticente, perde-se no vácuo. Com as mãos ela tenta socorrer a expressão inacabada das palavras.

Depois de «As mãos» a Companhia levou ao palco um outro bailado: «T'Say». Falando desse trabalho dissera um dia que era necessário valorizar a nossa cultura e que os artistas deviam assumir os nossos valores culturais.

Joaquina:

— No início disse-lhe que antes não tinha oportunidade de dançar aquilo que é nosso. Os colonialistas consideravam a nossa Cultura como sendo de macacos. Mas hoje temos essa oportunidade de valorizar o que é nosso, de assumir. No papel de «N'Tsay», por exemplo, embora não tenha vivido na época da história, através da História encarnei o personagem.

— A História é importante para o vosso trabalho?

— Já.

— Outra questão: por exigência de plateia vocês adaptam a maneira de vestir de certas danças. Não é adulterar a forma original destas danças?

— Acho que não. Por exemplo: na Beira dança-se o Semba com capulana. Imagina a beleza desta dança de amor! Nós usamos saia, dá maior expressão, melhor movimento no palco, que a capulana

não permite. Mas os passos não são alterados. Não fugimos muito da realidade.

— Mas isso não contribui para que se perca a originalidade da dança?

— Eu penso que o essencial é o passo. Deixamos o passo original. Mexemos no que não transforma a dança em si. Fica o essencial.

— Para si, Joaquina, quais são as danças que mais a fascinam?

— Gosto de tudo o que é dança tradicional. Quando estou no palco tudo sai daqui ...

Leva a mão direita ao peito e fecha os olhos. Esta mulher também subiu ao palco para fazer teatro: «Hlomulo», no grupo dos CFM, e, «Karingana wa Karingana» no Tchova Xita Duma.

— A dança tem muito de teatro. Nós só utilizamos o corpo. No teatro há a expressão — corporal e a voz. Essa é a diferença. Mas gostei de fazer teatro. Foi uma boa experiência.

Joaquina fez cinema interpretando o personagem feminino principal do filme «A colheita do diabo». Os últimos bailados da Companhia em que participa: «O sol nasceu», «A grande festa» e «O concerto». Ela canta, também. Tem uma música editada num disco LP, que reúne os mais representativos cantores da nova geração.

Demos uma volta à conversa:

— Joaquina como é que a sociedade olha para si?

— As pessoas que não conhecem o real valor da Cultura, desprezam o meu trabalho e a mim. Os que conhecem o valor da dança respeitaram-me muito. Eu cá por mim sei o que faço, por isso, sinto-me orgulhosa por ser bailarina.

— E não tem problemas na família?

— Não. O meu pai não gostava antes, no início. Para ele eu devia estudar, só. A minha mãe não dizia nada.

— Hoje eles orgulham-se por si?

— É — breve pausa. — Se soubesse ...

Um breve silêncio.

— No lar ... os que se casam e ficam cinco anos é porque ... sei lá ... não foi por causa da dança ...

Há uma sombra nos olhos da dançarina. O diálogo caminha para a situação dos artistas entre

nós. Sobre o assunto, diz-me ela:

— É muito delicado.

Com as mãos aponta a dependência onde vive. O seu rosto enche-se de perguntas:

— É só ver as condições em que estou e não esquecer que sou a primeira bailarina de Moçambique. Mas ainda eu tenho sorte, tenho colegas que ...

A frase corta-se no gume do silêncio. Nos olhos de Joaquina há lágrimas que se adivinham. Ela sorri, disfarçando. E eu, numa aquiescência, também sorrio.

— Compreendo que há sectores que precisam mais apoio do que a Cultura. Mas é preciso valorizar o nosso trabalho!

E conversamos sobre os artistas que são atirados ao completo abandono. Indignados, recordamos a ironia do destino do Fany que não teve sequer um funeral merecido. Depois, caímos num silêncio espesso. Joaquina diz-me que não

obstante não vergará. Continuará a dançar, a lutar.

— Os artistas, Joaquina, em todo o mundo, continuam a comer na cozinha do rei.

— É isso!

Rimo-nos com inocência. Diz ela:

— É muito delicado falar sobre este assunto.

E a conversa continuou quando ela me acompanhou ao portão e eu me despedi. Já na esquina, levando-a na memória, pensava: é preciso aprender a amar os nossos artistas! □